

MEMÓRIA, HISTÓRIA, LITERATURA, ARTES**A HORTA COMO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO EM ARTE****Aline Aparecida Lages Thomaz**

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

alinelagesthomaz@yahoo.com.br

Rosvita Kolb Bernardes

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

rosvitakolb@gmail.com

Financiamento: CAPES/PROEX.

Resumo

Na pesquisa, *A horta como Ateliê Autobiográfico em Arte*, em desenvolvimento pela Pós-Graduação em Artes, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), investigo a minha criação e produção artística a partir da horta como ateliê autobiográfico em arte e o seu desdobramento em um contexto de ensino/aprendizagem em arte. Tendo como temática o corpo feminino na contemporaneidade e como a memória ancora seus discursos biográficos e escrita de si em contextos de formação e produção estético-artística. Utilizo o método de pesquisa *artotográfico*, uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte, de Irwin; Dias (2013), assim como o caminho da pesquisa (auto)biográfica de Delory-Momberger (2006) que se cruzam com a minha experiência enquanto *mulherartista professora*. Proponho uma obra plástico-poética biográfica, a partir da horta do quintal em uma elaboração ecocriativa. É nesta conexão entre o feminino e a terra que construo a minha poética, memória, linhagem natureza, que desdobra-se em uma investigação/intervenção artística de ensino/aprendizagem em arte com um pequeno grupo de crianças meninas de uma escola pública da cidade de Dom Joaquim onde eu trabalho e moro. A metodologia é desenvolvida através de uma série de procedimentos experimentais realizados com sementes, plantios, colheitas e preparação dos alimentos. Envolvendo as áreas do conhecimento com a dimensão da territorialidade, da corporeidade, da nutrição, da alimentação, da arte ecológica, dos ciclos da vida, da ancestralidade, da cultura local, da natureza e da memória. A motivação da pesquisa intitulada, *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte*, surge da observação da minha mãe e da sua relação com a terra. Ao tocar a terra, ela começava a contar da sua infância ao lado de minha avó como em um ritual de elaboração do seu luto, devido à morte da minha avó, a resignificação da sua dor. Ali, entre as palavras e os silêncios a pausa era um vazio que gritava. A presença simbólica de

minha avó naquele punhado de terra tinha o peso da dor e também o antídoto para o seu alívio. A partir dos gestos da minha mãe nasceu o desejo de resgatar, coletivamente, o cultivo da horta no quintal de nossa casa. Durante a elaboração da horta também acontecia o meu processo de criação da obra plástico-poética intitulada: A Horta, a Raiz do Coração, que, se assemelha a um rizoma com suas ramificações, tendo a horta como o fio condutor que as une. O trabalho artístico autobiográfico é desenvolvido desde o preparo da terra para a semeadura passando pelos cuidados diários até a elaboração dos alimentos servidos à mesa. Dessa experiência, a memória é o solo que sustenta o processo criativo, gestado em diferentes etapas de minha vida, nas seguintes formas: desenho, bordado, colagem, pintura, videoarte, ensaio fotográfico, caminhada e escrita. São produções artísticas em múltiplas materialidades que compõem a minha pesquisa em arte e a minha identidade híbrida de ser artista-pesquisadora-professora na contemporaneidade. É por meio do relato, de acordo com Delory-Momberger (2006), que o indivíduo se faz intérprete dele mesmo explicitando as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Sendo intérprete do seu mundo social e historicamente construído, o indivíduo, figura e formata imagens, representações e valores da sua existência, bem como, produz categorizações que lhe permitam apropriar-se e coletivizar-se no mundo e, nele, definir o seu lugar. Nessa configuração, surgem as questões: como criar arte por meio de um processo investigativo na horta? Como a autobiografia, a artografia e a caminhada podem ser uma metodologia de pesquisa em arte? Como manifestar a minha identidade híbrida de artistapesquisadoraprofessora na A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte? Ao refletir sobre os processos de construção de si, através das narrativas autobiográficas, percebo um campo de estudo fértil propiciador da investigação que não busca uma resposta em si, e sim o processo. Uma trilha que se constrói caminhando e se volta para questões surgidas nos momentos, reconhecendo que, a potência do agora é transformadora da própria busca por respostas, em novas investigações. Nesse sentido é que, acredito, assim como Freire (2011): que não existe imparcialidade, pois, somos orientados por bases ideológicas. A questão é se essa base ideológica é inclusiva ou excludente. Em tempos em que se fala de doutrinação ideológica, faz-se necessário e urgente fortalecer ainda mais os processos formativos para romper a verticalidade da educação. Para isso, a consciência de si, é um importante passo para que os atores educacionais não se sintam obrigados a apenas representar, do baixo das suas coxias. Mas sim, deixar que os desejos e os sentimentos sejam parte da cena metaforizada no processo de aprender e ensinar. Sendo assim, como a horta poderia se tornar um espaço de ensino-aprendizagem em arte? Josso (2004) orienta para que

possamos aprender a nos posicionar na vida de uma forma ativa, reavaliando os conhecimentos que presidem à compreensão do nosso devir e das nossas transformações. Desta maneira, questionarmos a margem de liberdade que podemos conceder entre as nossas vidas imaginárias e uma vida social e culturalmente padronizada. Ou seja, aprender a negociar as orientações da nossa vida e as suas interdependências afetivas, sociais e culturais. Tornarmo-nos, cada vez mais, conscientemente autores do sentido da nossa vida é o preço a pagar para que a nossa existência comece a se transformar numa verdadeira história de vida. Em diálogo com Charréu (2019), descrevo que, na artografia, a fusão entre saber, fazer e realizar gera uma linguagem híbrida na qual o propósito é entender a investigação entre o fazer artístico, a compreensão do que se fez e a produção da profissionalidade da artista docente. À vista disso, interagem num plano horizontal, numa só pessoa, os três papéis distintos: a artista, a investigadora e a professora de arte-educadora. O que faz da investigação artográfica, tanto mais equilibrada quanto mais equivalente a cerca dos respectivos papéis. Artografar é equilibrar equitativamente o ser artista, investigadora e professora. Como a arte está imbricada no meu dia-a-dia, na artografia, reconheço o meu papel criativo enquanto educadora. Na imersão de arte na horta, quando eu me permito criar junto com a criança; quando eu torno essa criação uma pesquisa na minha vida; quando reflito sobre esse processo numa escrita criativa: caminho artografando e artografo caminhando. O caminhar como a existência do sujeito da experiência que está aberto à sua própria transformação. Caminhar é uma experiência que exige: abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição, atenção, dentre outros cuidados. Caminhar para si mesmo, caminhar ao encontro do outro, caminhar com o outro, caminhar considerando os ambientes. Encontrando em Delory-Momberger (2006), a escuta acolhedora do outro, interpretamos que caminhar, independentemente dos resultados da própria investigação, é o ato de ouvir e dedicar-se ao outro, ousando assim, possibilitar reencontros e reconciliações. Nos relatos de Francesco Careri (2013), é no ato de caminhar que se aprende a perder tempo para ganhar espaço. Então, pergunto-me: Seria esse caminhar, também uma forma de fazer arte? Quando desenho as mandalas com os alimentos colhidos da horta; quando coleciono as fotografias de serezinhas da horta; quando caminho margeando o rio, estaria eu, aprendendo a perder tempo para ganhar espaço? E qual espaço seria esse? Qual espaço desejo construir com o outro no ensino-aprendizagem? Durante uma semana, a horta abriu as suas portas para receber cinco meninas crianças, alunas da escola pública em que lecionei artes em 2023. Partilhamos assuntos como nutrição, autocuidado, contato com a natureza e criação em arte. Em roda, falei um pouco da minha pesquisa lhes

apresentando referências, como: Jorge Menna, Salissa Rosa, Louise Ganz e outros artistas que abordam a horta e a natureza como laboratório de ensino-aprendizagem de artes. Adiante, caminhamos lenta e silenciosamente pelo quintal, observando a nossa respiração, o espaço em volta, os cheiros, os sons, as cores, os sabores, as formas, as texturas. Coletamos exemplares de folhas, flores, argila e outros materiais que serviram como aporte para elaboração dos trabalhos plásticos. As práticas de ensino se desenvolveram através de procedimentos experimentais realizados ao ar livre com sementes de hortaliças, plantios, colheitas e a preparação dos alimentos. Portanto, a horta, em sua potencialidade e desafios, desempenha o papel de trajetória e insubordinação, proporcionando reflexões epistemológicas como espaço de (re)conhecimento. A horta se configura como lugar de pausa e movimento, de devaneio, de arte. Ponto de encontro e reencontro de si mesmo e com o outro. Aflora o que havia permanecido invisível, embora visto.

Palavras-chave: Arte. Autobiográfico. Artografia. Ensino-aprendizagem.

Referências

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

CHARRÉU, Leonardo Verde. **A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística**. Diacrítica, v. 33, n. 1, 2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.